

Análises da Demonstração de Valor Adicionado: Geração e distribuição de valor no Banco do Brasil

Ayslan Silva Santos Dantas

Graduado em Ciências Contábeis pela UFS - SE

RESUMO

O resultado de um empreendimento vai além de seu lucro, ele tem que distribuir riquezas para além de seus proprietários. Uma empresa, como organização social, tem de atender as diversas necessidades de todos agentes a compõem: trabalhadores, governos, a sociedade em que está imersa. Os bancos brasileiros, mesmo em períodos de arrocho monetário, sempre quebram recordes de lucros para seus investidores. O Banco do Brasil, como líder em ativos e mantenedor do maior número de funcionários do setor bancário nacional, foi escolhido para que se pudesse ser traçada a origem e a distribuição da riqueza produzida. A contabilidade, como principal ferramenta de geração e análise de informação financeira, organiza através da Demonstração de Valor Adicionado o percurso da riqueza criada em uma empresa. Fez-se uso das técnicas de análise horizontal e vertical para se construir o cenário de geração de valor da instituição financeira e descrever a estrutura de sua distribuição no período de 2010 a 2014. Os resultados mostram que o Banco do Brasil: (1) vem perdendo eficiência na geração de valor, obtendo receitas a custos mais elevados; (2) está remunerando melhor ao mesmo que tempo que diminui a quantidade de funcionários, freando assim o crescimento de gastos de pessoal; (3) a fatia destinada a tributos vem encolhendo; (4) e vem diminuindo o valor pago a seus acionistas depois do investimento nas aquisições de outras empresas e criação da BB Seguridade.

Palavras-chave: Análises de Demonstrações Contábeis. Valor Adicionado. Banco do Brasil. Geração de Valor. Distribuição de Valor.

ABSTRACT

The result of an enterprise goes beyond its own profit, it must distribute wealth beyond its owners. A company, as a social organization, has to meet the needs of all agents that build it: workers, governments, the society that is immersed. Brazilian banks, although during of tight money, always break records of profit for the investors. The Banco do Brasil, as leader in asset e largest employer of national banking sector, was chosen so it could be draw the source and the distribution of the wealth created. The Accountancy, as the main tool for generation and analysis of financial information, organizes through the Value Added Statement the pathway of the wealth created by a company. Horizontal e vertical analysis was techniques used for building a scenario of the value generation in the financial institution and for describing the structure of its distribution from 2010 to 2014. The results shows the Banco do Brasil: (1) has been losing efficiency on the value generation, obtaining income against bigger costs; (2) it is remunerating better but at the same time, it is decreasing the number of employees, delaying the costs growth; (3) the share allocated to taxes is shrinking; (4) and has decreased the amount paid to shareholders after the investment in the acquisition of other companies and creation of the BB Seguridade.

Keywords: Wealth, Added Value , Banco do Brasil, Generation, Distribution.

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos objetivos das empresas, o lucro é o mais conhecido e maior deles. Receitas são confrontadas com custos e despesas para se averiguar se esse objetivo principal foi alcançado. Muitas circunstâncias interferem nesta operação que parece sim, como os interesses dos diversos agentes que compõem uma companhia. Existem questões macro, de regulamentações governamentais, incertezas de mercado, retornos aos acionistas e direitos trabalhistas pesam sobre os números.

Apesar disso, um setor no Brasil se mostra bastante resiliente às pressões que sofre: o setor bancário. Mesmo com as medidas de arrocho monetário tomadas desde 2010, como aumento do compulsório, encarecimento do crédito, conjuntura internacional difícil, os principais bancos brasileiros vêm quebrando recordes de lucros e aumento de patrimônio.

O setor bancário no Brasil é considerado sólido, avançado tecnologicamente e lucrativo. Segundo relatório do Dieese (2015), as cinco maiores instituições financeiras juntas lucraram aproximadamente 60 bilhões em 2014, aumento de 18% se comparado ao ano anterior, mesmo o PIB brasileiro tendo subido 0,1%, o de setor de serviço somente 0,7%.

Sendo este o cenário atual do setor bancário no Brasil, como se pode compreender a formação da receita bancária? A contabilidade, através de suas demonstrações, explicita a trajetória dos recursos e pode esclarecer como se deu os resultados.

Contudo, o lucro diz respeito somente a quantia devida a sócios e acionistas, mas existem outros agentes responsáveis pelos resultados da empresa, como os funcionários, que precisam de relatórios que informem quanto da riqueza criada foi destinada a lhes recompensar. Desta forma, selecionou-se o banco com maior número de funcionários no setor, o Banco do Brasil para se saber: quais os resultados de suas operações e quais os destinos destes resultados.

Através da análise das Demonstrações de Valor Adicionado e notas explicativas do período entre os exercícios de 2010 a 2014 divulgadas pelo Banco do Brasil SA, este artigo pretende traçar a evolução das receitas, custos e despesas, assim como da destinação da riqueza criada pela instituição para acionistas, trabalhadores e governo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Banco do Brasil no ano de 2014 foi o banco líder em ativos do Sistema Financeiro Nacional, mantém a maior quantidade de funcionários do setor bancário e deteve 20% do setor de crédito no país, além de ter obtido o terceiro maior lucro líquido do setor no mesmo ano, segundo o relatório 50 maiores bancos do Banco Central (2015). Suas informações contábeis são medida de importância para muitas pessoas. O lucro chama atenção por sua cifra, mas representa somente uma parte do resultado de uma empresa, a parte que cabe aos sócios ou acionistas. O resultado como um todo é mais que o lucro.

Segundo ARAUJO & ASSAF (2003, p.21), “no contexto empresarial, o lucro pode ser entendido como o resultado obtido com o uso do capital”. O resultado que a autora trata é o que remunera os acionistas, e isto seria o principal objetivo de todo empreendimento. As necessidades dos outros *stakeholders* (funcionários, fornecedores, clientes) devem ser atendidas visando sempre a maximização de riqueza dos proprietários (ARAUJO; ASSAF, 2003).

Neste mesmo sentido, Armando Castelli diz que “a eficácia econômica de qualquer instituição decorre do grau de satisfação que proporciona às diversas entidades com as quais se relaciona” (2001, p.369). É a partir da década de 1960 que movimentos sociais na Europa passam a manifestar suas necessidades, reivindicando das empresas responsabilidade social.

Surge para suprir essas demandas o Balanço Social, complementado posteriormente pela Demonstração de Valor Adicionado (DVA). A DVA tornar-se o documento capaz de gerar:

“as informações referentes à riqueza gerada pela empresa e a forma como foi feita sua distribuição aos agentes econômicos que ajudaram a produzi-la: os empregados, o governo, e os detentores de capitais, sócios, acionistas e financiadores externos.” (CUNHA et al, 2005, p. 9).

O conceito de valor é discutido na literatura contábil e econômica, para ARAÚJO & ASSAF “valor é criado ao acionista somente quando as receitas de vendas superarem a todos os dispêndios incorridos, inclusive o custo de oportunidade do capital próprio” (2003, p.27). Entretanto o valor apresentado na DVA é mais que o valor ao acionista, “o valor adicionado é representativo do valor que a empresa gerou a partir dos consumos que realizou em certo período de tempo.” (COSENZA, 2003, p.14).

O Comitê de Pronunciamentos Contábeis, através do Pronunciamento Técnico CPC 09 (2008, p.3), definiu valor adicionado como valor que “representa a riqueza criada pela empresa, de forma geral medida pela diferença entre o valor das vendas e os insumos adquiridos de terceiros”.

Objetivando analisar as origens e a distribuição da riqueza gerada pelo Banco do Brasil no período, utilizou-se a análise horizontal e vertical das Demonstrações de Valor Adicionado (DVA) e notas explicativas referentes às suas contas dos exercícios financeiros de 2010 a 2014.

A análise horizontal traça a evolução dos saldos em um período de tempo (ASSAF, 2008). Neste artigo foi utilizado como referência ao ano de 2010, para que seja possível visualizar sob mesma base a evolução das contas. Assim, o resultado a análise horizontal da conta “Receitas” em 2011, 2012, 2013 ou 2014 refere-se à evolução de seus saldos em relação ao saldo de 2010. Esta análise ajuda na percepção das variações dos itens, que se analisados diretamente poderiam passar despercebidos (IUDÍCIBUS, 2007). A inflação do período, para fins de simplificações, não foi considerada.

A análise vertical, para Assaf Neto, “permite, mais efetivamente, que se conheçam todas as alterações ocorridas na estrutura dos relatórios analisados, complementado-se com isso, as conclusões obtidas pela análise horizontal” (2008, p. 116). Esta análise considera percentualmente a proporção do valor de uma conta a outras contas a ela relacionadas dentro da mesma demonstração. Por exemplo, o quanto a conta “Remuneração de Capitais de terceiros” corresponde percentualmente ao “Valor Adicionado a Distribuir”.

Conforme é constatado por Cunha et al, a DVA “contém informações que sozinhas são conclusivas e bastante”(2003, p.21). E ainda complementa que “os indicadores retirados dessa demonstração se constituem num excelente avaliador da distribuição da riqueza” (2003, p.22). Como ressalva, Sérgio de Iudícibus afirma que “a análise financeira deve ser entendida dentro de suas possibilidades e limitações” (2007, p.65).

ANÁLISE DOS DADOS

Foram analisadas as Demonstrações Consolidadas de Valor Adicionado do Banco do Brasil SA dos exercícios financeiros de 2010 a 2014, e compiladas no Apêndice A.

A DVA é dividida em duas partes, segundo as normas do Pronunciamento Técnico CPC 09. A primeira parte é a Formação de Riqueza, que detalha a riqueza criada pela instituição, e compreende a seguinte estrutura:

Quadro 1 – Primeira parte da DVA, Formação de Riqueza.

Receitas
<i>Receitas de intermediação financeira</i>
<i>Receitas de prestação de serviços e tarifas</i>
<i>PCLD</i>
<i>Lucro na alienação de investimentos/ part. Societária</i>
<i>Outras receitas/despesas</i>
Despesas de Intermediação Financeira
Insumos adquiridos de terceiros
Valor Adicionado Bruto
Despesas de amortização/depreciação
Valor Adicionado produzido pela entidade
Valor Adicionado recebido em transferência
Valor Adicionado a Distribuir

Fonte: Adaptação do modelo para instituições financeiras apresentado no Pronunciamento Técnico CPC 09.

A segunda parte da demonstração consiste na Distribuição da Riqueza. Nela, a entidade apresenta como a riqueza obtida foi distribuída entre os agentes. Neste trabalho, para efeito de análise, utilizamos a seguinte estrutura adaptada:

Quadro 2 – Segunda parte da DVA, Formação de Riqueza.

Valor Adicionado Distribuído
Pessoal
Impostos, Taxas e Contribuições
Remuneração de Capital de Terceiros
Remuneração de Capital Próprio
<i>Lucro retido</i>
<i>Total destinado aos acionistas</i>
<i>Participação de não controladores no lucro retido</i>
<i>Juros sobre instrumento elegível ao capital da união</i>

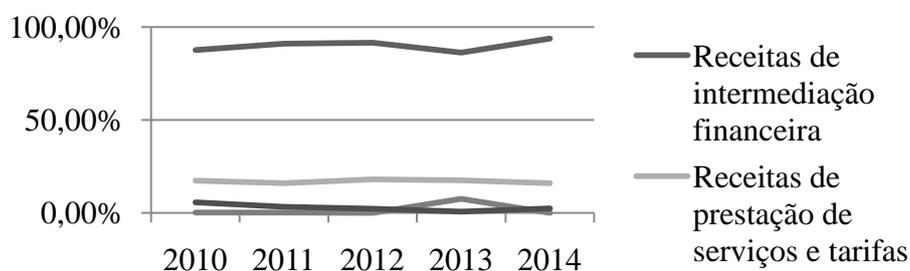
Fonte: Adaptação do modelo para instituições financeiras apresentado no Pronunciamento Técnico CPC 09.

As contas da segunda parte, Distribuição de Riqueza, estão de forma sintética, com exceção de “Remuneração de Capitais Próprios” que necessitou-se avaliar analiticamente.

A análise horizontal se deu com base no ano de 2010, como já foi explicado. Análise vertical da primeira parte, Formação da Riqueza, está em porcentagem proporcional das contas ao total da conta “Receitas”. Na segunda parte, Distribuição de riqueza, os valores estão percentualmente proporcionais a conta “Valor Adicionado Distribuído”.

1.1 Formação de Riqueza

A receita na DVA é composta por toda riqueza criada pela empresa, seja principal ou acessória. Segundo a CPC 09, que rege as normas de elaboração desta dessa demonstração, as receitas de instituições financeiras compreendem: Receitas de intermediação financeira, de prestação de serviços, Provisão para créditos de liquidação duvidosa e outras receitas. Devido ao resultado de 2013, o Banco do Brasil passou a destacar de outras receitas o “Lucro na alienação de investimentos/ part. Societária” para explicitar o ganho com a alienação das ações da BB Seguridade S.A. no valor de 9,8 bilhões de reais.



Fonte: elaboração do autor

Gráfico 1 - Análise vertical das Receitas do Banco do Brasil referente aos exercícios de 2010 a 2014

O gráfico 1 um mostra estabilidade na participação da receita de prestação e serviços e tarifas. A receita de intermediação financeira, responsável por mais de 87,7% da receita do banco em 2010, ganhou espaço e em 2014 já havia superado 93% do total de receitas. Isso se deu porque as receitas de intermediação financeira superaram o crescimento das outras receitas bancárias, com um crescimento de 80,0%, enquanto o total de receitas subiu apenas 68,1%, como se vê na tabela 1.

Tabela 1 Análise Horizontal das Receitas do Banco do Brasil referente aos exercícios de 2010 a 2014

	2011	2012	2013	2014
Receitas	21,86%	25,59%	43,05%	68,12%
<i>Receitas de intermediação financeira</i>	26,50%	31,17%	40,75%	79,99%
<i>Receitas de prestação de serviços e tarifas</i>	12,79%	30,29%	44,07%	55,02%
<i>PCLD</i>	16,90%	35,41%	56,78%	86,93%
<i>Lucro na alienação de invest/ part. Societária</i>	-13,17%	-88,40%	4420,43%	-96,97%
<i>Outras receitas/despesas</i>	-29,95%	-50,74%	-80,69%	-31,28%
Despesas de Intermediação Financeira	39,15%	37,80%	53,77%	114,42%
Insumos adquiridos de terceiros	3,75%	20,61%	27,54%	32,05%
Valor Adicionado Bruto	5,34%	12,38%	33,67%	21,42%
Despesas de amortização/depreciação	4,60%	35,83%	33,02%	45,20%
Valor Adicionado produzido pela entidade	5,40%	10,31%	33,73%	19,32%
Valor Adicionado recebido em transferência	1081,97%	669,05%	1407,31%	1339,07%
Valor Adicionado a Distribuir	6,80%	11,18%	35,58%	21,06%

Fonte: elaboração do autor

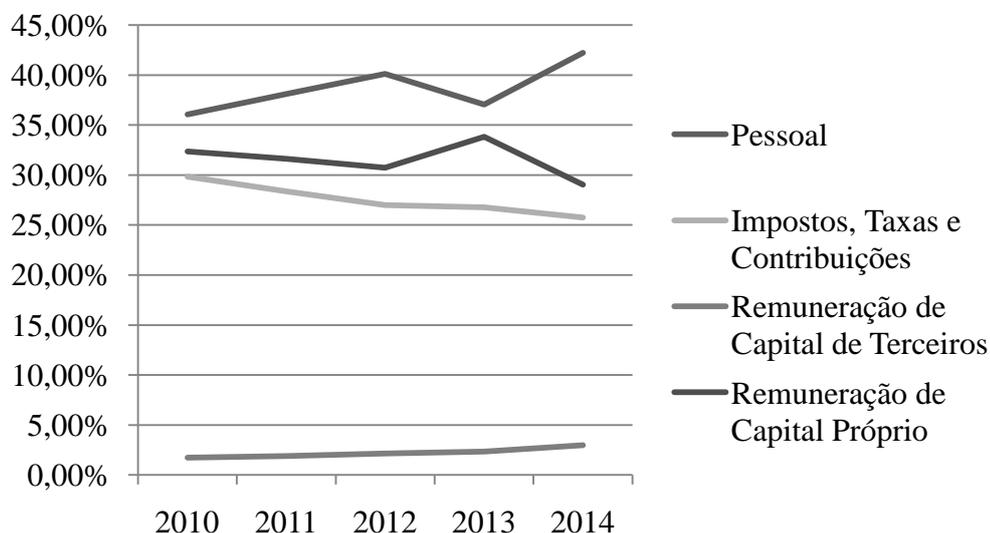
Apesar disso, o crescimento das receitas não foi completamente repassado ao valor adicionado da empresa. Nota-se que as despesas de intermediação financeira tiveram incremento ainda maior que o das receitas, 114,42% de despesa contra os 68,12% das receitas totais, e então o valor adicionado a distribuir, ou líquido, em 2014 superou somente 21,06% o de 2010. Utilizando o conceito de margem líquida de Conseza (2003) que usa o valor adicionado líquido no lugar de lucro líquido e o divide pela receita, temos que essa margem em 2010 era de 42,32%, e em 2014 atingiu o marco de 30,56%. Significa que o Banco do Brasil, apesar de gerar mais receita, tem diminuído a geração de riqueza no período.

1.2 Distribuição de Riqueza

A segunda parte do DVA dedica-se a descrever a distribuição da riqueza criada pela empresa. Conforme o CPC09, os componentes que devem se apresentar são Pessoal; Impostos, taxas e contribuições; Remuneração de capitais de terceiros; e Remuneração de capitais próprios.

A maior parte da riqueza criada pelo Banco do Brasil é distribuída aos funcionários, 42,23% em 2014. Gastos com salário, treinamentos, FGTS, benefícios e participações nos

lucros compõem essa linha da declaração. A remuneração de capitais próprios em 2014 deteve 25,76% de toda riqueza, mantendo a tendência de baixa percebida nos anos anteriores



Fonte: elaboração do autor

Gráfico 2 - Análise vertical do Valor Adicionado do Banco do Brasil referente aos exercícios de 2010 a 2014.

O gráfico 2 mostra que a tendência de diminuição da fatia do valor adicionado destinada a remunerar o capital próprio se distorceu apenas em 2013. Naquele ano, o resultado do banco recebeu o incremento do ganho com alienação das ações da BBSeguridade, e este incremento remunerou principalmente o capital próprio da companhia. No ano seguinte, verifica-se que os números voltam a sua tendência anterior, e Pessoal volta a subir e Remuneração de capitais próprios a reduzir.

Na análise horizontal, percebe-se que essa tendência ocorre porque os gastos com pessoal aumentaram mais que o valor adicionado distribuído e os gastos de remuneração de capital próprio. Conforme Tabela 2, os gastos com Pessoal subiram 41,75% de 2010 a 2014, enquanto a remuneração de capitais próprios e o valor adicionado distribuído aumentaram respectivamente 8,70% e 21,06%.

Tabela 2 Variação dos valores do período de 2011 a 2014 com base nos valores do exercício de 2010

	2011	2012	2013	2014
Valor Adicionado Distribuído	6,80%	11,18%	35,58%	21,06%
Pessoal	12,82%	23,65%	39,33%	41,75%
Impostos, Taxas e Contribuições	1,53%	0,58%	21,58%	4,47%
Remuneração de Capital de Terceiros	16,64%	37,93%	81,72%	106,60%
Remuneração de Capital Próprio	4,41%	5,62%	41,83%	8,70%

Fonte: elaboração do autor

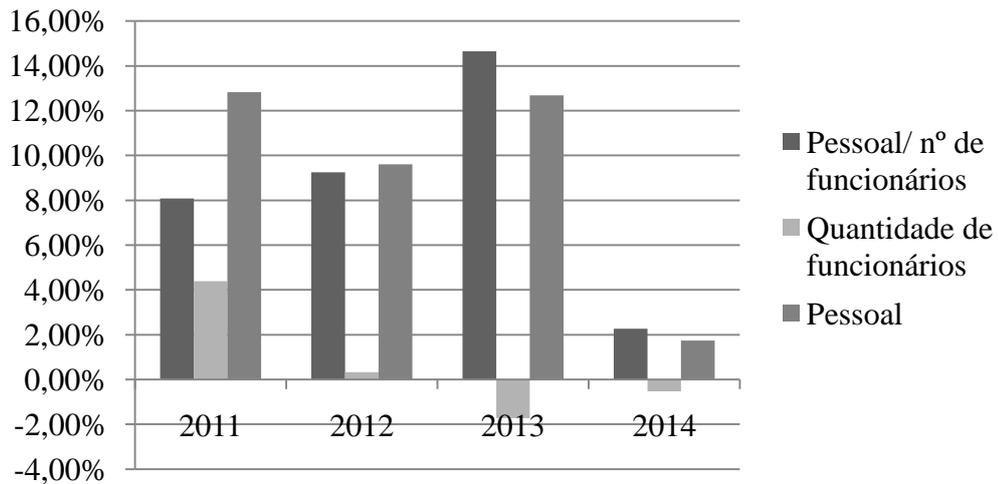
A parte que cabe ao estado aumentou 4,47% no período analisado. Sua participação no total de valor distribuído pela empresa segue em queda, em 2010 correspondia a 29,85% e chegou a 25,76% em 2014 do valor distribuído.

O aumento que consta em Remuneração de capitais de terceiros, apesar de expressivo na análise horizontal (106,60% de 2010 a 2014), não teve tanto impacto na distribuição porque seu valor relativo ao total do que foi distribuído não é representativo, em torno de 3% em 2014.

1.2.1 Remuneração ao trabalhador

Os funcionários do Banco do Brasil, como já foi notado no gráfico 2, aumentaram sua participação no valor adicionado da companhia ao longo dos cinco últimos anos. Os gastos com pessoal demonstrados nas DVA's da companhia cresceram 41,75% de 2010 a 2014, tomando 42,23% do total da riqueza distribuída em 2014 contra os 36,07% de 2010. Dividindo os gastos com pessoal pelo número de funcionários, é visto que o ganho para cada funcionário elevou-se 38,44% no período.

O número de funcionário tem diminuído desde 2012, quantidade de pessoas empregadas na instituição caiu de 114 mil naquele ano para 109 mil em 2014. Com essas demissões, o Banco do Brasil freia o crescimento do total gasto para remunerar seus funcionários, como se observa no gráfico 3. Nos anos de 2013 e 2014, que apresentam queda no número de funcionários comparado aos anos anteriores, vemos que os gastos com pessoal não acompanha o crescimento dos gastos por funcionário. A empresa tem cada vez remunerando melhor seus funcionários, mas vem diminuindo-os em quantidade para não sobrecarregar os gastos.



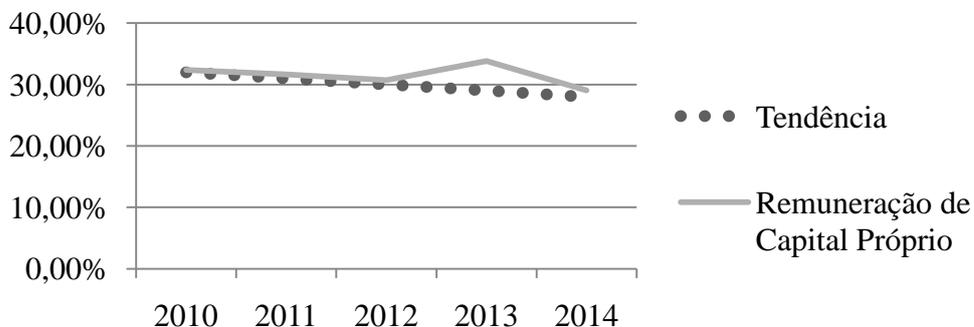
Fonte: elaboração do autor

Gráfico 3 - Análise horizontal da remuneração de Pessoal

1.2.2 Remuneração ao investidor

O investidor de companhias abertas é remunerado de duas formas: com os ganhos de dividendos e juros sobre capital próprio (JCP) distribuídos; e com a valorização do capital investido. A valorização do capital é ditada pelo mercado e os fatores internos e externos a empresa que a ele influenciam. A remuneração por dividendos e juros são dispêndios da companhia, e impactam diretamente seus resultados.

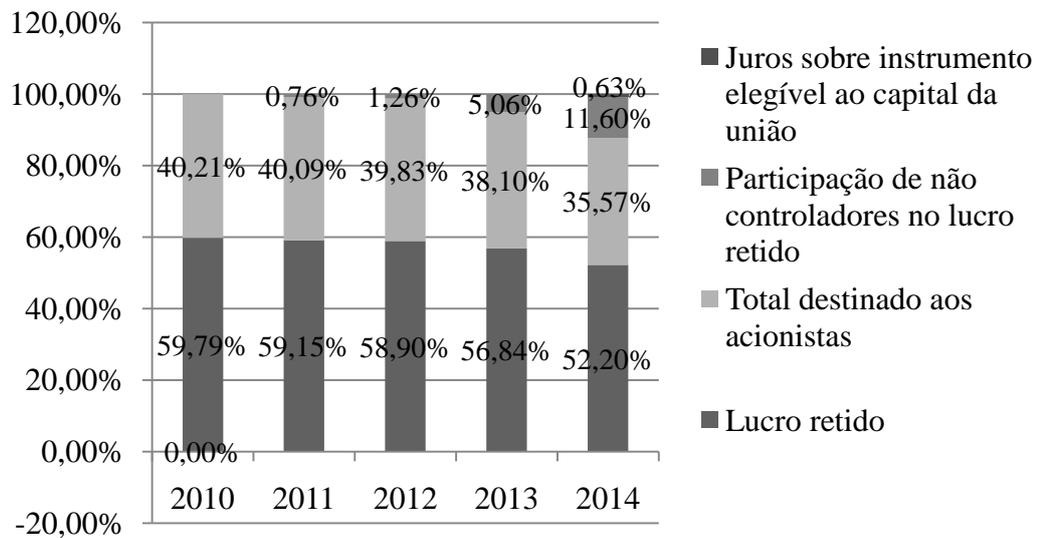
O valor adicionado voltado a remunerar o capital próprio tem diminuído sua fatia correspondente do valor distribuído. O ano de 2013 foi um ano fora da média, o impacto da alienação das ações da BB Seguridade distorceram a tendência, que foi logo corrigida no ano de 2014, como se observa no gráfico 4



Fonte: elaboração do autor

Gráfico 4 - Participação da remuneração de Capitais Próprios na Distribuição da Riqueza

No período de 2010 a 2014, o banco distribuiu o total de R\$ 9,01 por ação, o que corresponde a 45,9% do valor da ação adquirida ao preço de fechamento do pregão de 30 de dezembro de 2009. O montante destinado aos acionistas em 2014 foi de 35,57% do valor adicionado distribuído para remunerar capitais próprios. Além de remunerar os acionistas, parte do lucro também é retida para que haja reinvestimento na empresa, e esse tem sido o principal destino da riqueza destinada a remunerar o capital próprio, variou de 59,79 a 52,20% no período analisado. O gráfico 5 explicita a distribuição da remuneração a capitais próprio.



Fonte: elaboração do autor

Gráfico 5 - distribuição da remuneração ao capital próprio

A fatia que é destinada a remunerar diretamente acionistas e a fatia do lucro retido matem a praticamente mesma proporção uma da outra, ou seja, de 2010 a 2014 a cada R\$1,00 de lucro retido, R\$0,68 foi distribuído aos sócios como dividendos ou JCP.

A partir de 2011, a remuneração do capital próprio passa a destinar maiores somas a não controladores. Em termos absolutos, em 2010 apenas 47 mil reais foram remetidos a Cobra Tecnologia SA e BESC DTVM SA como participação de não controladores no lucro retido. Em 2011, o valor saltou aproximadamente 444 milhões de reais, e em 2013, 2,7 bilhões de reais tiveram o mesmo destino. Isso se deu devido à aquisição do Banco Patagônia SA no primeiro semestre de 2011, que passou a ter direito as participações citadas. E em 2013, BB Seguridade SA, criada naquele ano pelo Banco do Brasil, passou também a ter parte no lucro retido. Assim, em 2014 os não controladores ficaram com 11,60% do total distribuídos para remunerar capital próprio, diminuindo a fatia dos acionistas e do lucro retido pela companhia.

CONCLUSÃO

Com a análise dos números do Banco do Brasil, foi possível traçar a evolução das receitas, custos e despesas, assim como da destinação de riqueza criada pela instituição para acionistas, trabalhadores e governo.

Em um setor que sempre chama atenção pelas cifras de seus resultados, percebe-se a diminuição da geração de riqueza no processo produtivo do Banco do Brasil. Os custos estão crescendo a taxas maiores que as das receitas. Esta observação mostra que o banco está menos eficiente em seu papel de gerar resultado, construindo menos valor com a mesma quantidade de receita.

Quanto à remuneração a funcionários, o Banco do Brasil vem aumentando os valores. A parcela do valor adicionado destinado aos gastos com pessoal mostrou-se em tendência de alta no período de 2010 a 2014. Cada funcionário tem recebido mais do que costumava receber em 2010, mas a quantidade pessoas empregadas, desde o ano de 2012, tem diminuído. De 2012, o número de desligamentos da empresa superou as admissões em 5 mil. Esse fato tem cooperado para que os gastos com pessoal não se elevem tanto quanto o ganho que cada empregado vem conquistando.

Remuneração de Capitais de terceiros duplicaram no período analisado, mas ainda não tem grande peso na destinação de resultados da companhia. A carga tributária aumentou abaixo da taxa de elevação do valor adicionado, ocasionado a diminuição da fatia que lhe cabe das riquezas geradas pela instituição.

A alienação das ações da BB Seguridade teve forte impacto nos números da companhia. O valor adicionado elevou-se extraordinariamente, e apesar de todos agentes terem sentido o aumento na distribuição dos resultados, observou-se que a maior fatia desse ganho foi destinada aos acionistas. Contudo, o que se observa é uma queda na porção que cabe aos acionistas. Os lucros têm aumentado, mas não tem acompanhado o aumento nos gastos com funcionários. Além disso, a parte que é destinada diretamente aos acionistas na forma de dividendo e juros sobre capital próprio, vinha nos anos de 2010 a 2012 mantendo-se estável, subiu em 2013 por causa do resultado extraordinário, e em 2014 caiu a nível inferior ao pago em 2010. A compra do Banco Patagônia em 2011 e a criação da BB Seguridade em 2013 contribuíram para encolher a destinação de riqueza diretamente aos acionistas, segundo a análise feita.

A contabilidade, através de suas demonstrações, possibilita esta e outras análises úteis aos diversos grupos de interessados nos números de uma instituição, considerando-a como agente social, que deve gerar resultados não somente a seus proprietários, mas também aos trabalhadores, governos e a toda sociedade na qual está imersa.

APÊNDICE A – Análise horizontal (AH) e vertical (AV) das Demonstrações de Valor Adicionado do Banco do Brasil AS dos exercícios financeiros de 2010 a 2014.

	2010	AV	2011	AV	AH	2012	AV	AH	2013	AV	AH	2014	AV	AH
Receitas	93,152,636.00	100.00%	113,513,027.00	100.00%	21.86%	116,994,793.00	100.00%	25.59%	133,259,059.00	100.00%	43.05%	156,607,716.00	100.00%	68.12%
<i>Receitas de intermediação financeira</i>	81,685,766.00	87.69%	103,329,631.00	91.03%	26.50%	107,150,842.00	91.59%	31.17%	114,976,457.00	86.28%	40.75%	147,026,911.00	93.88%	79.99%
<i>Receitas de prestação de serviços e tarifas</i>	16,172,540.00	17.36%	18,241,576.00	16.07%	12.79%	21,071,165.00	18.01%	30.29%	23,300,514.00	17.49%	44.07%	25,069,956.00	16.01%	55.02%
<i>PCLD</i>	(10,244,040.00)	-11.00%	(11,975,091.00)	-10.55%	16.90%	(13,871,868.00)	-11.86%	35.41%	(16,060,517.00)	-12.05%	56.78%	(19,149,452.00)	-12.23%	86.93%
<i>Lucro na alienação de investimentos/ part. Societária</i>	221,568.00	0.24%	192,396.00	0.17%	-13.17%	25,692.00	0.02%	-88.40%	10,015,818.00	7.52%	4420.43%	6,705.00	0.00%	-96.97%
<i>Outras receitas/despesas</i>	5,316,802.00	5.71%	3,724,515.00	3.28%	-29.95%	2,618,962.00	2.24%	-50.74%	1,026,787.00	0.77%	-80.69%	3,653,596.00	2.33%	-31.28%
<i>Despesas de Intermediação Financeira</i>	(45,880,191.00)	-49.25%	(63,841,476.00)	-56.24%	39.15%	(63,224,105.00)	-54.04%	37.80%	(70,550,161.00)	-52.94%	53.77%	(98,376,007.00)	-62.82%	114.42%
<i>Insumos adquiridos de terceiros</i>	(7,849,772.00)	-8.43%	(8,144,138.00)	-7.17%	3.75%	(9,467,355.00)	-8.09%	20.61%	(10,011,312.00)	-7.51%	27.54%	(10,365,950.00)	-6.62%	32.05%
Valor Adicionado Bruto	39,422,673.00	42.32%	41,527,413.00	36.58%	5.34%	44,303,333.00	37.87%	12.38%	52,697,586.00	39.55%	33.67%	47,865,759.00	30.56%	21.42%
<i>Despesas de amortização/depreciação</i>	(3,196,517.00)	-3.43%	(3,343,603.00)	-2.95%	4.60%	(4,341,696.00)	-3.71%	35.83%	(4,252,131.00)	-3.19%	33.02%	(4,641,350.00)	-2.96%	45.20%
Valor Adicionado produzido pela entidade	36,226,156.00	38.89%	38,183,810.00	33.64%	5.40%	39,961,637.00	34.16%	10.31%	48,445,455.00	36.35%	33.73%	43,224,409.00	27.60%	19.32%
<i>Valor Adicionado recebido em transferência</i>	(46,323.00)	-0.05%	454,879.00	0.40%	-1081.97%	263,603.00	0.23%	-669.05%	605,585.00	0.45%	-1407.31%	573,973.00	0.37%	-1339.07%
Valor Adicionado a Distribuir	36,179,833.00	38.84%	38,638,689.00	34.04%	6.80%	40,225,240.00	34.38%	11.18%	49,051,040.00	36.81%	35.58%	43,798,382.00	27.97%	21.06%
Valor Adicionado Distribuído	36,179,833.00	100.00%	38,638,689.00	100.00%	6.80%	40,225,240.00	100.00%	11.18%	49,051,040.00	100.00%	35.58%	43,798,382.00	100.00%	21.06%
<i>Pessoal</i>	13,048,428.00	36.07%	14,721,248.00	38.10%	12.82%	16,134,489.00	40.11%	23.65%	18,179,883.00	37.06%	39.33%	18,495,532.00	42.23%	41.75%
<i>Impostos, Taxas e Contribuições</i>	10,798,506.00	29.85%	10,963,798.00	28.38%	1.53%	10,861,235.00	27.00%	0.58%	13,128,500.00	26.76%	21.58%	11,280,812.00	25.76%	4.47%
<i>Remuneração de Capital de Terceiros</i>	629,734.00	1.74%	734,522.00	1.90%	16.64%	868,618.00	2.16%	37.93%	1,144,351.00	2.33%	81.72%	1,301,029.00	2.97%	106.60%
<i>Remuneração de Capital Próprio</i>	11,703,165.00	32.35%	12,219,121.00	31.62%	4.41%	12,360,898.00	30.73%	5.62%	16,598,306.00	33.84%	41.83%	12,721,009.00	29.04%	8.70%
<i>Lucro retido</i>	6,997,609.00	19.34%	7,227,057.00	18.70%	3.28%	7,281,172.00	18.10%	4.05%	9,433,789.00	19.23%	34.81%	6,640,294.00	15.16%	-5.11%
<i>Total destinado aos acionistas</i>	4,705,576.00	13.01%	4,898,933.00	12.68%	4.11%	4,923,948.00	12.24%	4.64%	6,324,148.00	12.89%	34.40%	4,525,140.00	10.33%	-3.83%
<i>Participação de não controladores no lucro retido¹</i>	(20.00)	0.00%	93,131.00	0.24%	X	155,778.00	0.39%	X	840,369.00	1.71%	X	1,475,195.00	3.37%	X
<i>Juros sobre instrumento elegível ao capital da união¹</i>	-	0.00%	-	0.00%	X	-	0.00%	X	-	0.00%	X	80,390.00	0.18%	X

Nota: valores em milhares de reais, exceto quando indicado

(1) Análise horizontal inviável, pois valor base de 2010 era pequeno demais ou nulo e a informação gerada tornou-se irrelevante para o estudo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana Maria Procópio de; ASSAF NETO, Alexandre. A contabilidade tradicional e a contabilidade Baseada em valor. *Revista Contabilidade & Finanças - USP*, São Paulo, n. 33, p. 16 - 32, 2003.

ASSAF NETO, Alexandre. *Finanças corporativas e valor*. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Contabilidade Gerencial*. 6. ed. 10. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. 50 maiores bancos e o consolidado do Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <http://www4.bcb.gov.br/top50/port/top50.asp>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BANCO DO BRASIL. Demonstrações Contábeis: Exercício2014. Disponível em: < <http://www.bb.com.br/docs/pub/siteEsp/ri/pt/dce/dwn/4T14DemoContJM.pdf> > Acesso em 15 mai. 2015.

BANCO DO BRASIL. Demonstrações Contábeis: Exercício2013. Disponível em: < <http://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2013/port/downloads/DemonstracoesContabeis.pdf>> Acesso em 22 fev. 2015.

BANCO DO BRASIL. Demonstrações Contábeis: Exercício2012. Disponível em: <http://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2012/port/downloads/DemoCont4T12MC.pdf> Acesso em 22 fev. 2015.

BANCO DO BRASIL. Demonstrações Contábeis: Exercício2011. Disponível em: < http://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2011/port/download/BB_DF11.pdf> Acesso em 22 fev. 2015.

BANCO DO BRASIL. Demonstrações Contábeis: Exercício2010. Disponível em: < http://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2010/port/download/Demonstracoes_Financeiras.pdf> Acesso em 22 fev. 2015.

CASTELLI, Armando. *Controladoria: uma abordagem da gestão econômica – GECON*. 2.ed. São Paulo : Atlas, 2001.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. Pronunciamento Técnico CPC 09. Disponível em <http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/175_CPC_09.pdf> Acesso em: 18 mar. 2015.

COSENZA, José Paulo. A eficácia informativa da demonstração do valor adicionado. *Revista Contabilidade & Finanças - USP*, São Paulo, Edição Comemorativa, p. 7 - 29, 2003.

CUNHA, Jacqueline Veneroso Alves da; RIBEIRO, Maisa de Souza; SANTOS, Ariovaldo dos. A demonstração do valor adicionado como instrumento de mensuração da distribuição da riqueza. Revista Contabilidade & Finanças - USP, São Paulo, n. 37, p. 7 – 23, 2005

DIEESE. Desempenho dos Bancos em 2014. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>.> Acesso em: 29 mar. 2015.